



Abordagem de educação sexual e reprodutiva para mães adolescentes em Recife-PE

Maria Layane Fernandes de Oliveira¹, Ana Carolina do Carmo Santos², Arielly Brandão Tavares²,
Beatriz Batista Castelo Branco Ramos², Ellen Anne Oliveira Nascimento², Helen da Silva Ribeiro²,
Kamilla Barbosa Correia², Yasmim Kassilly Marques de Melo²

Resumo: A gravidez não planejada na adolescência é bastante comum no Brasil e, com frequência, tem como origem a falta de educação sexual. Isso, consequentemente, pode levar a consecutivas gestações pelas jovens que desconhecem informações sobre métodos contraceptivos. Desse modo, este projeto teve como objetivo amparar, esclarecer dúvidas e disseminar informações sobre o uso de métodos anticoncepcionais para adolescentes grávidas e no puerpério. Trata-se de um relato de experiência realizado por oito discentes do curso de medicina da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) sobre as intervenções feitas no Hospital das Clínicas - UFPE e nas Unidades de Saúde da Família da Mangueira, Coqueiral II, São Miguel e Bongí, todas em Recife-PE. A extensão teve duas etapas, uma de formação teórica entre docentes e discentes, e outra de aplicação prática, que precisou ser adaptada devido à ausência de todas as pacientes nas rodas de conversas marcadas, assim, o projeto utilizou-se de conversas individuais. O projeto atingiu 74 gestantes e puérperas adolescentes, no formato remoto ou presencial, e 30 delas concordaram em participar. As conversas envolveram temáticas esclarecedoras sobre educação sexual e nelas 93,3% das participantes mostraram interesse em usar anticoncepcional no puerpério, 83,3% delas já utilizado anteriormente, e 53,3% possuíam conhecimento sobre mais de um método disponibilizado pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Após a adaptação da abordagem, o projeto teve adesão satisfatória, podendo ser um precursor de medidas de intervenções sobre planejamento familiar durante o pré-natal da adolescente grávida.

Palavras-chave: Anticoncepção; Planejamento Familiar; Gravidez na Adolescência

Approach to Sexual and Reproductive Education for Teenage Mothers in Recife-PE, Brazil

Abstract: Unplanned teenage pregnancy is quite common in Brazil and often stems from a lack of sexual education. Consequently, this can lead to consecutive pregnancies among young girls who are unaware of information about contraceptive methods. Thus, this project aimed to support, clarify doubts, and disseminate information about the use of contraceptive methods for pregnant adolescents and those in the postpartum period. It is an experiential report conducted by eight medical students from the Federal University of Pernambuco (UFPE) on the interventions carried out at the Hospital das Clínicas - UFPE and the Family Health Units of Mangueira, Coqueiral II, São Miguel, and Bongí, all in Recife-PE (Brazil). The project consisted of two stages, one involving theoretical training for teachers and students and another involving practical application, which had to be adapted due to the absence of all patients in the scheduled group discussions, thus resorting to individual conversations. The project approached 74 pregnant and postpartum teenage girls, either remotely or in person, and 30 agreed to participate. The conversations involved informative topics about sexual education, and it was noted that 93.3% of the participants were interested in using contraception in the postpartum period, with 83.3% of them having already used contraceptives in the past and 53.3% knowing more than one method provided by the Unified Health System (SUS). After adapting the approach, the project had satisfactory adherence and could be a precursor to interventions regarding family planning during prenatal care for pregnant adolescents.

Keywords: Contraception; Family Development Planning; Pregnancy in Adolescence

*Originais recebidos em
18 de fevereiro de 2023*

*Aceito para publicação em
20 de julho de 2023*

1
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, Pernambuco, Brasil.
(autora para correspondência)
layane.fernandes@ufpe.br

2
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, Pernambuco, Brasil.

Introdução

A adolescência é um período de transformações físicas e principalmente psicossociais, isso porque aquele indivíduo não é mais tido como criança, tal como antes, e em simultâneo, também não é tratado como adulto, no sentido social. Essa transição traz consigo dúvidas, medos e angústias, que repercutem na vida dos adolescentes, podendo influenciar no futuro. No âmbito da saúde sexual neste período da vida, percebe-se que, na maioria das situações, ela é semeada por inseguranças e falta de conhecimento sobre o assunto. O que é esperado, porém, como dever do Estado é a prevenção de gestações e infecções sexualmente transmissíveis em conjunto com a família, no entanto, gerar filhos neste período da vida sempre foi um tema produtor de alarde no âmbito da saúde no Brasil (Organización Panamericana de la Salud, 2018; World Health Organization, 2019). Por extensão disso, o país tem uma alta prevalência de gestação na adolescência, com 400 mil casos por ano, e destas, cerca de 20% terão reincidência da gravidez ainda na adolescência (Assis et al., 2022). Embora o número de adolescentes grávidas esteja caindo, a taxa de reincidência permanece estável (Zanchi et al., 2017), mostrando que políticas de planejamento familiar durante o pré-natal dessas meninas não estão sendo eficazes.

A educação sexual tem um impacto na vida de gestantes e puérperas adolescentes devido à possibilidade de uma nova gestação, pois, se anteriormente a jovem não usou métodos contraceptivos de forma adequada, caso não tenha uma intervenção eficaz sobre planejamento familiar, há chances da gestação se repetir, tendo em vista que este é o período fértil da mulher em que mais ocorrem gestações indesejadas (Ajayi et al., 2021). Além disso, o planejamento familiar também é necessário em decorrência dos riscos para si e para seus filhos, uma vez que as chances de se ter problemas como pré-eclâmpsia e crescimento intrauterino restrito (CIUR) são maiores em reincidências da gravidez na adolescência (Brandão & Cabral, 2021). Estas meninas devem ter o sentimento de segurança diante do seu próprio corpo e acesso aos métodos contraceptivos com a finalidade de promover conhecimento, pois se tornar mãe em idade escolar é cercado por diversas incertezas (Bałanda-Bałydyga et al., 2020).

As unidades de saúde da família apresentam um papel importante na promoção e prevenção em saúde (Ministério da Saúde, 2010), sendo as mães adolescentes um público que necessita de ações integrativas com ênfase na prevenção de novas gestações não planejadas. A abordagem sobre planejamento familiar durante os períodos em que elas estão utilizando as unidades de saúde para realização do pré-natal, por exemplo, pode fazer diferença no atendimento e nas orientações que precisam, pois atuar na alfabetização em saúde destas adolescentes grávidas ou puérperas, embora muitas vezes assustador, irá melhorar o resultado na gestação atual e em sua futura família (Mann et al., 2020).

O projeto de extensão desenvolvido teve o objetivo inicial de ter um encontro presencial e mensal com as mães adolescentes em suas unidades de saúde no formato de rodas de conversa, nas quais seriam abordados os diferentes métodos contraceptivos, temas como as infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) e direitos da mulher no período gestacional. No entanto, diferente de outras extensões universitárias que conseguiram atingir os objetivos de um círculo de conversas e garantir a troca de conhecimentos de maneira horizontal com mulheres grávidas (Silva et al., 2017), o presente projeto não conseguiu realizar essa forma de abordagem, pois as mães adolescentes não compareciam no horário agendado. Necessitou-se, então, fazer adaptações, e as conversas passaram a ser de maneira individual, tanto presencialmente quanto remotamente, por aplicativos de mensagens. Contudo, os princípios de ver cada adolescente como um todo, respeitando suas escolhas e diversidades, permaneceram como metodologia de garantia de uma saúde integrativa (Wardle, 2022).

Métodos

O projeto de educação em saúde sexual e reprodutiva para gestantes e puérperas adolescentes primíparas foi executado por oito discentes do curso de medicina, sob orientação das docentes dos módulos de Ginecologia e Obstetrícia e de Fundamentos da Atenção Básica à Saúde, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), durante o ano de 2022. Profissionais de onze unidades de saúde aceitaram participar da proposta do projeto de extensão, que seria realizado por meio de rodas de conversa. Para isso, iniciou-se três meses antes, em outubro de 2021, reuniões no *Google Meet* para explicá-los que o objetivo seria conscientizar, oferecer apoio e promover maior adesão aos métodos contraceptivos pelo público do projeto. No entanto, devido às incertezas de como seria a pandemia da COVID-19 durante o ano de 2022, as cartas de anuência de seis unidades de saúde de um mesmo distrito sanitário não foram concedidas, restando apenas cinco unidades de saúde do município de Recife-PE.

Iniciou-se a execução do projeto por meio da preparação, que envolveu a realização de atividades teóricas com discentes e docentes. Foram ministradas aulas sobre os principais métodos contraceptivos, além de instruções sobre como abordar adequadamente as gestantes e puérperas adolescentes. Também foram desenvolvidos pelos discentes, sob supervisão e orientação das docentes, seminários visando amplificar o conhecimento teórico sobre assuntos pertinentes, como infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) e direitos da adolescente grávida.

Para realizar as rodas de conversas, cada unidade de saúde recebeu a visita dos extensionistas para conversar com os profissionais dos locais - principalmente os agentes comunitários de saúde (ACS), com objetivo de marcar o dia do encontro e realizar o convite para as adolescentes, pois esses agentes são fundamentais na relação com a comunidade (Oliveira et al., 2017). Durante os primeiros três meses de atuação do projeto, entre abril e junho de 2022, foram marcados sete encontros, convocando um total de 29 adolescentes, tanto grávidas quanto puérperas, sendo que nenhuma das jovens compareceu ao encontro. Percebeu-se, então, a necessidade de adaptações na forma de abordagem, uma vez que a promoção de rodas de conversas não se mostrou uma forma eficaz de atingir esse público no que tange ao planejamento sexual e reprodutivo.

Na nova metodologia adotada, um dos integrantes do projeto foi semanalmente até as unidades de saúde consultar em quais dias e horários da semana seguinte haveria adolescentes agendadas para consultas de pré-natal ou de seguimento puerperal, e repassava aos demais integrantes se dividirem e se organizarem. Logo, no dia marcado, as adolescentes recebiam o convite para participarem do projeto presencialmente enquanto aguardavam a consulta, ou remotamente pelo *WhatsApp*®. Assim, de maneira individual, preservando o sigilo e as particularidades das jovens abordadas. Posteriormente, além da realização de uma entrevista semiestruturada, elas eram incentivadas a tirar suas dúvidas, bem como receberam orientações sobre os métodos anticoncepcionais, principalmente os disponíveis no SUS.

Após a adaptação na execução do projeto, cuja condução ocorreu em cinco unidades de saúde do Recife, foram abordadas 30 adolescentes entre agosto e novembro de 2022. Foram incluídas as pacientes que tiveram as consultas de pré-natal iniciadas entre os 10 e 19 anos. As entrevistas semiestruturadas foram registradas em forma de observações e informações. Os dados foram analisados por meio de análise de conteúdo e validação por pares, em que as informações foram categorizadas em três grupos: acesso aos serviços de saúde, atitudes e conhecimento sobre planejamento familiar antes da gestação e desejo de utilizar algum outro método contraceptivo.

Relato de Experiência

Para a Organização Mundial da Saúde (OMS), a adolescência compreende o período entre os 10 e 19 anos, idade que tomamos como base para o presente projeto. Vale pontuar que as adolescentes com 20 anos que tiveram a sua última menstruação (DUM) com os 19 anos também foram incluídas, pensando no fato que estas também estarão sujeitas a situações negativas, como menos oportunidade de obter empregos melhor remunerados, permanecer como mães solteiras durante toda a vida adulta e a complicações para a saúde da criança pelo estado mental precário da mãe (Rowlands, 2010).

Os dados foram obtidos por meio de conversas com gestantes e puérperas adolescentes de baixa renda atendidas em quatro unidades de saúde da família (USF) (Mangueira, Coqueiral II, São Miguel e Bongi), no município de Recife, e no Hospital das Clínicas da UFPE (HC-UFPE), com atividades desenvolvidas no intervalo de tempo de quatro meses. No total, 30 pacientes foram submetidas à intervenção por conversas remotas, via *WhatsApp*®, ou presencialmente. Outras 44 pacientes não aceitaram participar do projeto, e destas, oito não foram para a consulta de pré-natal.

As conversas individuais realizadas entre os extensionistas e as adolescentes foram baseadas em trocas de conhecimentos, em que os estudantes de medicina da UFPE buscavam sanar possíveis questionamentos das pacientes e explicar acerca das vantagens e desvantagens dos principais métodos contraceptivos utilizados no Brasil, bem como orientá-las sobre a disponibilidade de métodos oferecidos pelo Sistema Único de Saúde (SUS), como a implantação do Dispositivo Intrauterino (DIU) de cobre, sempre assegurando a autonomia de cada uma. Vale ressaltar que a oportunidade também foi utilizada para conversar sobre as ISTs. Como houve redução do tempo de contato das participantes após a mudança de forma de abordagem, infelizmente, não foi possível conversar sobre os direitos das mães, como foi proposto nas rodas de conversa.

As atuações dos estudantes foram concretizadas presencialmente nas idas às USFs, ao HC-UFPE, buscando informações sobre as pacientes por meio dos profissionais de saúde, como médicos(as) e enfermeiros(as), e pesquisando sobre datas e horários de consultas das adolescentes. Com esses dados, havia condições de estabelecer contato com as gestantes e puérperas, de forma que fossem realizadas conversas presenciais em consultórios ou corredores nas próprias unidades de saúde com as jovens, sempre zelando pelo seu bem-estar e evidenciando a confiabilidade dos conhecimentos passados, deixando-as cientes dos mecanismos envolvidos do SUS e buscando elucidar as próprias demandas das pacientes.

Os diálogos com as pacientes forneceram dados sobre a falta de informação em relação à educação sexual, principalmente quanto ao uso de métodos contraceptivos. As adolescentes afirmaram possuir limitados conhecimentos acerca de contraceptivos, o que demonstra a ineficácia desde o nível primário até o terciário de saúde, ao estabelecer poucas formas educacionais sobre sexualidade e métodos contraceptivos.

Acerca do uso anterior à gestação de métodos contraceptivos, grande parte das jovens já havia realizado, pelo menos uma vez, o uso de algum método, com destaque às pacientes com 16 ou 19 anos (Tabela 1), em que todas relataram já ter utilizado meios contraceptivos. Observou-se, então, que nem sempre havia o conhecimento sobre o uso correto de tais meios, o que gerou episódios de gestações indesejadas, sendo necessárias explicações em relação ao uso adequado das barreiras e métodos contraceptivos que aumentam a probabilidade de não ocorrência de gravidez.

Já em relação ao desejo de utilizar métodos contraceptivos, a porcentagem de pacientes totaliza 100%, com exceção das que possuem 17 anos. Entre estas cinco adolescentes, uma relatou que não tinha interesse em usar, totalizando 80% (Tabela 1). Entretanto, a maior parte delas ainda não possuía certeza de qual método utilizar, sendo reflexo da falta de informações sobre a forma de inserção da educação sexual no Brasil, tornando-se necessárias aulas e estudos acerca das vantagens e desvantagens de cada contraceptivo.

Tabela 1. Relação dos dados obtidos por relatórios das conversas com as adolescentes.

Idade (anos)	Total de pacientes	Desejo de utilizar (%)	Uso anterior (%)	Conhece mais de um método do SUS (%)	Atendimento remoto (%)
13, 14 e 15	3	100	67	34	67
16	5	100	100	40	20
17	5	80	60	40	60
18	7	100	86	43	100
19	3	100	100	100	100
20	7	100	86	72	72
Total	30				

A visão de que alguns métodos contraceptivos são oferecidos pelo SUS foi manifestada pela totalidade das pacientes apenas na faixa de 19 anos. Em contrapartida, a maioria das pacientes entre 13 e 18 anos desconhecem os métodos oferecidos (Tabela 1), situação que demonstra a falta de conhecimento sobre seus próprios direitos de saúde, garantidos pela Constituição Federal de 1988. Ainda, cabe destacar que, dentre as que conheciam os métodos, algumas possuíam interesse em colocar o DIU de cobre, antes da gestação, mas por falta de informações acerca da implantação e do fornecimento pelo SUS, desistiram de realizar o procedimento.

Por último, também é evidenciada a diferença de conduta da paciente com as estudantes ou profissionais de saúde quando a forma de comunicação é remota. Nesse cenário, apenas as pacientes com 16 anos preferiram a comunicação presencial (Tabela 1), enquanto que a grande maioria das adolescentes com outras faixas etárias preferiram a comunicação remota, dando ênfase àquelas com 18 ou 19 anos, das quais 100% preferiram o formato *online*, pois conseguiam se comunicar com uma maior clareza, visto que dessa forma os pais ou tutores legais não participavam do diálogo.

Os dados apresentados evidenciam a necessidade de estabelecer uma comunicação mais efetiva conforme as singularidades das gestantes e puérperas adolescentes em relação ao planejamento familiar e à vida sexual, dando enfoque ao uso correto de métodos contraceptivos e suas ofertas pelo SUS.

Discussão

Por meio da tentativa inicial de realizar os círculos de conversa, foi possível identificar que adolescentes gestantes e puérperas são grupos de difícil mobilização para realização de rodas sobre saúde sexual e reprodutiva, visto que as unidades de saúde funcionam no mesmo horário das escolas. Logo, reunir este público em um mesmo horário foi um impasse central que impediu a realização de intervenções grupais.

Por mais que o método ativo de conversa proporcione uma relação horizontal que gera criticidade sobre a temática abordada, assim como cria laços afetivos (Dickmann et al., 2021), não foi possível insistir nesta abordagem devido à ausência de todas as adolescentes convidadas. O contato individual foi significativamente mais benéfico, tanto na construção do diálogo entre estudante e paciente, quanto na construção do conhecimento das adolescentes que receberam intervenção.

A gravidez na adolescência pode ser manifestada emocionalmente de forma heterogênea, com padrões diferentes de percepção: em alguns momentos de satisfação, ganhos emocionais e afirmação da autoestima; ora negativos, com tendências à depressão e à percepção da maternidade como uma experiência difícil e solitária (Rossetto et al., 2014). É de grande importância pontuar que por mais que esteja no período gestacional, a adolescente deve ser vista como tal, uma vez que ela está passando pela transição da infância

para a idade adulta, sendo um período marcado por grandes transformações físicas, cognitivas e sociais, sendo um período marcado por grandes transformações físicas, cognitivas e sociais.

A nova forma de abordagem foi mais eficaz porque as soluções foram baseadas nos problemas que iam sendo encontrados, como a necessidade de um incentivo para as adolescentes - embora seja evidente que elas iriam adquirir conhecimentos ao participar das rodas de conversa, isso não era um fator atrativo.

Nesse contexto, para contornar a falta de incentivo à participação, o momento de abordagem do projeto mudou de grupos para formas individuais. Neste sentido, a consulta do pré-natal foi um fator auxiliar, uma vez que cerca de 98% das adolescentes grávidas realizam pelo menos uma consulta durante o período pré-natal, sendo que a metade não recebe orientações quanto ao planejamento familiar (Fernandes et al., 2015). Assim, este momento torna-se ideal para a abordagem das adolescentes, tendo em vista que elas comparecem às consultas e não recebem orientações adequadas durante o atendimento. Ademais, pensando em não atrapalhar o pré-natal, o convite era realizado durante a fila de espera da consulta.

A outra abordagem utilizada foi pelo aplicativo de mensagens *WhatsApp*®. Mesmo que o uso de tecnologias como forma de abordar os pacientes das equipes de saúde da família não seja um consenso, pois existem diversas dificuldades quanto à garantia de acesso, a pandemia de COVID-19 modificou esse cenário, e hoje ele pode ser uma importante ferramenta de educação em saúde (Cardona Júnior et al., 2020). Além disso, existem julgamentos por parte da sociedade em relação à sexualidade e a própria educação sexual, o que deixa as jovens expostas à gravidez indesejada, relações sexuais sem consentimentos, entre outras questões pertencentes à esta dimensão (Savegnago & Arpini, 2013), e o *WhatsApp*® as deixou mais confortáveis, uma vez que, presencialmente, elas quase sempre estavam acompanhadas de familiares ou com outros pacientes por perto, o que as deixavam intimidadas. Nesse contexto, os resultados obtidos através do formato *online* foram mais eficazes, de forma que a paciente possuía mais liberdade para relatar vontades pessoais acerca de métodos contraceptivos, relações sexuais e outras demandas desse contexto.

No que diz respeito à prevenção da reincidência de gravidez na adolescência, deve-se pensar inicialmente nos métodos anticoncepcionais disponíveis no SUS, adequados no momento pós-parto, puerpério e amamentação, para as pacientes de baixa renda que participaram do projeto. Foi possível notar que, embora a maioria das participantes demonstre interesse em usar algum método anticoncepcional, o conhecimento dos meios disponíveis gratuitamente, antes da intervenção, não foi na mesma proporção. Sendo assim, ensinar para este público como adquirir cada método, e esclarecer suas dúvidas, foi fundamental para que elas adotem algum método no pós-parto imediato, pois é o momento mais apropriado para prevenir a reincidência de gestação na adolescência nos três anos seguintes (Maravilla et al., 2017).

Dentre os métodos disponíveis no SUS, a inserção do DIU de cobre em período pós-parto na maternidade é o que demonstra efeito protetor mais forte para o público do projeto (Maravilla et al., 2017). Pensando nisso, este foi o método mais incentivado no projeto, tendo em vista que ao ouvir falar sobre o DIU através um profissional da saúde, as adolescentes terão 2,74 vezes mais chances de ter interesse em usá-lo (Fleming et al., 2010). Entretanto, como não é uma garantia ter esse método durante o parto nas maternidades do país, outros métodos também foram elucidados, como o preservativo, a injeção mensal ou minipílula de progesterona, já que ela estará em período de amamentação e não poderá usar métodos com hormônios combinados. Contudo, os discentes buscaram encontrar com a adolescente qual seria o melhor método durante os diálogos, tirando suas dúvidas e orientando quanto ao fato de conseguir o acesso de cada opção contraceptiva.

Vale ressaltar que reduzir a reincidência da gestação da adolescente é um passo importante para amenizar muitas consequências já citadas, no entanto, existem muitos outros pontos que devem receber intervenções, como formas de evitar a evasão escolar neste período, para reduzir as vulnerabilidades socioeconômicas e isolamento social (Cruz et al., 2021).

Além disso, as práticas realizadas pelos estudantes de medicina englobam duas áreas importantes da saúde, que são a saúde coletiva associada à ginecologia e obstetrícia, tendo em vista que não bastou apenas ter conhecimentos sobre métodos contraceptivos, mas entender as adolescentes com as dificuldades do período gestacional inserida no SUS. Da mesma forma que outros projetos de extensão que contribuem com a formação profissional e a consciência dos valores sociais (Silva et al., 2019), este também teve sua importância, não apenas para o público envolvido, mas pelos extensionistas que tiveram a oportunidade de colocar em prática assuntos importantes da construção acadêmica, praticados com a realidade das comunidades assistidas. Além disso, como sugerido por Bertollo et al. (2018), a abordagem sobre educação sexual na extensão universitária, tanto amplia o horizonte sociocultural do aluno, quanto melhora a comunicação médico-paciente.

Conclusões

O projeto de extensão demonstrou que a abordagem individual viabilizou a relação dos discentes da equipe do projeto com as gestantes e puérperas adolescentes, em uma ação marcada pela adaptação, diálogo e troca de saberes. A partir do que foi relatado, nota-se o seguimento às diretrizes da extensão, uma vez que houve participação popular, troca de experiências e contato com as condições biopsicossociais do público. Durante as conversas foi observado um grande interesse das adolescentes sobre os temas abordados, visto que as dúvidas e questionamentos foram respondidos pelos extensionistas de forma eficiente. Nota-se, então, que a ampliação de políticas públicas voltadas para redução da reincidência de gravidez na adolescência é necessária, bem como ações que garantam a individualidade e, principalmente, adotem tecnologias remotas como meio de abordar a educação em saúde com esse público.

Contribuição de cada autor

M.L.F.O e A.B.T. atuaram no planejamento e desenvolvimento do projeto, todos os autores contribuíram na execução e coleta de dados. K.B.C. e Y.K.M.M. fizeram as análises estatísticas, A.C.C.S., H.S.R., E.A.O.N., M.L.F.O. e A.B.T. elaboraram a redação do artigo e B.B.C.B.R. realizou a revisão do texto final.

Referências

- Ajayi, A. I., Odunga, S. A., Oduor, C., Ouedraogo, R., Ushie, B. A., & Wado, Y. D. (2021). "I was tricked": Understanding reasons for unintended pregnancy among sexually active adolescent girls. *Reproductive Health*, 18(1), 19.
- Assis, T. de S. C., Martinelli, K. G., Gama, S. G. N. da, & Santos Neto, E. T. dos. (2022). Reincidência de gravidez na adolescência: Fatores associados e desfechos maternos e neonatais. *Ciência & Saúde Coletiva*, 27(8), 3261–3271.
- Bałanda-Bałdyga, A., Pilewska-Kozak, A. B., Łepecka-Klusek, C., Stadnicka, G., & Dobrowolska, B. (2020). Attitudes of teenage mothers towards pregnancy and childbirth. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 17(4), 1411.
- Bertollo, L. P. G., Martins, R. R., & Ayres, J. R. C. de M. (2018). Educação sexual e reprodutiva para adolescentes como educação entre pares: Avaliação de uma experiência de extensão universitária. *Revista Brasileira de Extensão Universitária*, 9(2), 83-91.
- Brandão, E. R., & Cabral, C. da S. (2021). Juventude, gênero e justiça reprodutiva: Iniquidades em saúde no planejamento reprodutivo no Sistema Único de Saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, 26(7), 2673–2682.
- Brito e Silva, A. L. de, Sousa, S. C. de, Chaves, A. C. F., Sousa, S. G. da C., Andrade, T. M. de, & Rocha Filho, D. R. da. (2019). Importância da Extensão Universitária na Formação Profissional: Projeto Canudos. *Revista de Enfermagem UFPE Online*, 13, e242189.

- Cardona Júnior, A. H. dos S., Andrade, C. W. de Q., & Caldas, L. N. M. (2020). Educação em saúde: Programa e canal de comunicação via *WhatsApp* da unidade básica de saúde do N6 para comunidade rural do sertão pernambucano. *APS em Revista*, 2(2), 137–141.
- Cruz, E., Cozman, F. G., Souza, W., & Takiuti, A. (2021). The impact of teenage pregnancy on school dropout in Brazil: A Bayesian network approach. *BMC Public Health*, 21, 1-8.
- Dickmann, I. D., Dickmann, I., Botton, V. B., Paulo, F. dos S., Silva, C. F. da, Pereira, T. I., ... & Albani, I. C. (2021). *100 anos com Paulo Freire* (1. ed.). Chapecó: Livrologia.
- Fernandes, R. F. M., Meincke, S. M. K., Thumé, E., Soares, M. C., Collet, N., & Carraro, T. E. (2015). Characteristics of antenatal care for adolescents from state capitals in Southern and Northeastern Brazil. *Texto & Contexto - Enfermagem*, 24(1), 80–86.
- Fleming, K. L., Sokoloff, A., & Raine, T. R. (2010). Attitudes and beliefs about the intrauterine device among teenagers and young women. *Contraception*, 82(2), 178–182.
- Mann, L., Bateson, D., & Black, K. I. (2020). Teenage pregnancy. *Australian Journal of General Practice*, 49(6), 310–316.
- Maravilla, J. C., Betts, K. S., Couto e Cruz, C., & Alati, R. (2017). Factors influencing repeated teenage pregnancy: A review and meta-analysis. *American Journal of Obstetrics and Gynecology*, 217(5), 527-545.
- Ministério da Saúde. (2010). *Diretrizes Nacionais para a Atenção Integral à Saúde de Adolescentes e Jovens na Promoção, Proteção e Recuperação da Saúde*. Brasília: Ministério da Saúde. Recuperado de https://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_nacionais_atencao_saude_adolescentes_jovens_promocao_saude.pdf
- Oliveira, A. P. C. de, Gabriel, M., Poz, M. R. D., & Dussault, G. (2017). Challenges for ensuring availability and accessibility to health care services under Brazil's Unified Health System (SUS). *Ciência & Saúde Coletiva*, 22(4), 1165-1180.
- Organización Panamericana de la Salud. (2018). *Acelerar el progreso hacia la reducción del embarazo en la adolescencia en América Latina y el Caribe*. Recuperado de https://www.unicef.org/lac/media/1336/file/PDF_Acelerar_el_progreso_hacia_la_reduccion_del_embarazo_en_la_adolescencia.pdf
- Rossetto, M. S., Schermann, L. B., & Béria, J. U. (2014). Maternidade na adolescência: Indicadores emocionais negativos e fatores associados em mães de 14 a 16 anos em Porto Alegre, RS, Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 19(10), 4235–4246.
- Rowlands, S. (2010). Social predictors of repeat adolescent pregnancy and focussed strategies. *Best Practice & Research Clinical Obstetrics & Gynaecology*, 24(5), 605–616.
- Savegnago, S. D. O., & Arpini, D. M. (2013). Conversando sobre sexualidade na família: Olhares de meninas de grupos populares. *Cadernos de Pesquisa*, 43(150), 924–947.
- Silva, T. S., Melo, R. O. de, Sodré, M. P., Moreira, R. de C. R., & Souza, Z. C. S. do N. (2017). A extensão universitária e a preven o da violência obstétrica. *Revista Ciência em Extensão*, 13(1), 176-189.
- Wardle, J. (2022). Balancing promoting the public's right to traditional, complementary and integrative health with evidence-based health care. *Advances in Integrative Medicine*, 9(3), 143-144.
- World Health Organization. (2019). *Adolescent pregnancy*. Recuperado de <https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/329883/WHO-RHR-19.15-eng.pdf>
- Zanchi, M., Mendoza-Sassi, R. A., Silva, M. R. da, Almeida, S. G. de, Teixeira, L. O., & Gonçalves, C. V. (2017). Pregnancy recurrence in adolescents in Southern Brazil. *Revista da Associa o Médica Brasileira*, 63(7), 628–635.

Como citar este artigo:

Oliveira, M. L. F. de, Santos, A. C. do C., Tavares, A. B., Ramos, B. B. C. B., Nascimento, E. A. O., Ribeiro, H. da S., Correia, K. B., & Melo, Y. K. M. de (2023). Abordagem de educa o sexual e reprodutiva para mães adolescentes em Recife-PE. *Revista Brasileira de Extensão Universitária*, 14(3), 331-338.
